

MÁSCARAS NA JANELA DO I HELLO ARTE INTERNACIONAL : EXPERIÊNCIA DE EXPOSIÇÃO.

FRANCISCO FURTADO CAMARGO; ALICE JEAN MONSELL

¹*Universidade Federal de Pelotas– chicofurts@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas– alicemondomestico@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho relata minhas experiências de expor e auxiliar a montagem da exposição I Hello Arte Internacional, realizada entre 27 de maio e 22 de junho de 2016, no espaço do Hello Hostel Design, em Pelotas. Esta reflexão constitui uma etapa do desenvolvimento das máscaras na minha poética visual dentro do projeto de pesquisa no qual sou Bolsista PIBIC (UFPel), “Sobras do cotidiano e da arte: Contextos, reaproveitamento, diálogos e documentação do lixo em deslocamento entre o espaço privado e público (renovação)”, vinculado ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas – DesLOCC (CA/UFPel/CNPq). A partir da experiência de apresentar meus trabalhos artísticos na exposição, surgiu a questão de participação do público que poderiam experimentar as máscaras.

2. METODOLOGIA

Na minha poética pessoal, desenvolvi processos para criar máscaras a partir do reaproveitamento de sacolas plásticas, usando uma técnica de derretimento e modelagem com um secador de cabelos. Na modelagem de máscaras com sobras de couro, utilizei minhas experiências profissionais como sapateiro. A exposição foi uma oportunidade de pensar a montagem que, iniciou com uma visita ao hostel. Esse foi um dos pontos mais importantes para resolver a apresentação de forma que a disposição da obra, a arquitetura do prédio e as pessoas criassem um diálogo, por meio de uma montagem convidativa ao uso das máscaras. Nessa visita, conversei com a organizadora do evento e proprietária do hostel, artista Mara Nunes, que falou sobre a história do hostel, sobre as possibilidades de interferência que as montagens poderiam fazer no prédio, sobre o fluxo de hóspedes, a função de cada cômodo e intuições da exposição. Era importante considerar que os trabalhos permaneceriam em convívio com as pessoas no hostel. Este reconhecimento do ambiente expositivo me levou a propor como apresentar as máscaras e despertar a interação direta do público.

Um dos pontos que penso sobre meu trabalho é o de romper a separação do que está dentro e o que está fora, no sentido de incluir o observador no espaço da obra. Uma das grandes janelas da fachada do prédio foi selecionada por esta razão. As máscaras foram dispostas em um varal no vão da janela - de forma que pudessem girar livremente, presas em prendedores de roupa (que seriam fáceis de abrir pelo público). Esta disposição permitiu que as pessoas fora do hostel, na rua, tivessem um primeiro contato visual com o trabalho. (Figura 01)



Figura 01- Máscaras vistas por fora do prédio

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A forma como apresento essas máscaras num varal tenta despertar uma intimidade maior com as pessoas ao aproximar-se da prática cotidiana familiar de tirar algo de um varal e, assim, facilitar a interação, pelo modo de expor mais convidativo e que afasta-se de uma ideia de que a obra pertence a um espaço onde não pode ser tocada. Após toda a montagem, no dia da abertura, pude ver como resultado, o trabalho funcionando como um todo. As pessoas interagiam, vestiam as máscaras, tiravam fotos e estavam presentes, convivendo com o trabalho. A obra não é somente a máscara, o local e nem somente a relação com o público, mas todo este conjunto que constitui o trabalho artístico. Poderia dizer que, sem a participação das pessoas neste local expositivo e sem esta forma de apresentação, essas máscaras não passariam de objetos de arte no sentido mais tradicional, um objeto que implica outro tipo de relação com as pessoas, onde existe a ilusão de separação entre obra e público, um espaço separado que nega a relação da obra com seu contexto ambiental. Porém quando é possível conectar todas essas coisas, o trabalho atravessa seu próprio corpo e ganha um sentido muito maior.

4. CONCLUSÕES

Com esta experiência de montagem e apresentação das máscaras, também sugeriram outras questões, particularmente sobre a relação do artista e obras com os espaços expositivos e o público, das quais deram inicio a novas leituras e aprofundamento teórico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLARK, Lygia. “A Propósito da Magia do Objeto.” In **Lygia Clark**, Paço Imperial, RJ. 1998, (catálogo), pp. 152-154, e também no site: O mundo de Lygia Clark. Disponível em: <http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=20>. Acesso em: 20 jun. 2016.

CLARK, LYGIA. Da supressão do objeto (anotações). **Escritos de Artistas anos 60/70**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Ed, 2006. p. 350 – 356.